



## OS NEGROS E SUAS LIBERDADES EM PERNAMBUCO ENTRE 1822 – 1850.

Anna Beatriz de C. Rêgo Barros<sup>1</sup>

### RESUMO

Pernambuco foi palco de várias insurreições no séc. XIX. Durante esse período em que a aristocracia açucareira se encontrava envolvida em rebeliões quando buscavam mudanças políticas na colônia os escravos de suas senzalas aproveitaram da confusão para evadir das senzalas em busca da liberdade fundado nas áreas limítrofes do Recife e Olinda, redutos quilombolas. A pesquisa tendo como arco temporal os anos de 1822 e 1850, tido como ciclo das revoluções liberais, investigar as formas de liberdades buscadas pelos negros entre elas se aquilombando nas matas do Catucá, localizada nas margens do Rio Beberibe.

**Palavras-chaves:** liberdade, quilombo do Catucá, Cabanada, século XIX, Confederação do Equador.

### ABSTRACT

Pernambuco was the scene of several uprisings in the nineteenth century. During this period, which the sugar aristocracy was involved in riots, seeking for political changes in the colony. The slaves escape from their slave quarters, taking the advantage placed in confusion, to freedom founded on the bordering areas of Recife and Olinda. Called Quilombos. The research has a temporal years between 1822 to 1850, understood it as a time of liberal revolutions, investigating ways of freedoms sought by the blacks among the forest of a quilombando nudged, located on the banks of the Beberibe River.

**Key words:** Freedom, Nudged the Quilombo, Cabanada, Nineteenththtur, Confederation of Ecuado

## INTRODUÇÃO

Visando mostrar outro ponto de vista dos movimentos políticos, sociais e econômicos que se passaram Pernambuco durante os anos de 1822 – 1850. Este artigo procura trazer a perspectiva do escravo sobre esses embates. Procurando compreender como esse momento interferiu na liberdade dos cativos pernambucanos. Dando um enfoque principal na comunidade quilombola da mata do Catucá que foi vítima de vários ataques, pois enquanto os senhores se envolviam nos conflitos os escravos fugiam em busca de liberdade.

### I

A liberdade deve ser contextualizada, portanto não pode ser comparada com ideais anacrônicos ou que não se encaixam em um contexto histórico e social. Os fundamentos da

---

<sup>1</sup> Graduanda em História, Universidade Católica de Pernambuco; Anna.beatrizbarros@hotmail.com



liberdade no período da escravidão brasileira estão baseados no mundo burguês. O homem deve poder exercer uma série de direitos para ser considerado livre. Nesse período são compreendidos por: direito de Ir e vir, falar o que deseja vender e comprar, trabalhar para quem quiser e ter o mínimo de propriedade.<sup>2</sup> O escravo não fazia parte da nação brasileira. Ele era desprovido de direitos que formariam a sua cidadania. Quando trazido para o Brasil era desumanizado e nem o próprio corpo era propriedade do escravo.

## II

Os movimentos que precederam o processo de independência do Brasil são apenas reconhecidos na perspectiva fluminense. Evaldo Cabral de Mello comenta no livro *A outra independência*<sup>3</sup> que é necessário que passe a compreender tais eventos na visão pernambucana. Dentro desses momentos passados em Pernambuco, pode aprofundar e tornar o ponto de vista ainda mais específico. Usar não só os movimentos precedentes mais também aqueles que agitaram de 1822 -1850. A Confederação do Equador e a Revolução Praieira. Pernambuco passava por revoluções do povo. Esse literalmente passou a ser visto não só como os libertos, mas estava sendo englobado no meio dos protestos aqueles que estavam construindo uma identidade.

Os embates políticos que passaram por Pernambuco durante o círculo temporal de 1822-1850 foram lutas que dividiram dois lados. Como sempre no Brasil, o dinheiro independente da forma como é adquirido, é mais importante do que a complexidade do país. Enquanto o liberalismo que surgira na França tomava conta do Recife através da rede de comunicação com mundo e com os letrados que estudavam na Europa e voltavam na cidade com novas propostas de organização econômica, política e social.<sup>4</sup> Essas mesmas idéias que tomaram forma em 1817 com o patriotismo pernambucano. Inclusive muitos jovens que foram revolucionários em dezessete, em 1844 estavam ainda mais maduros lutando por suas idéias.<sup>5</sup> Os ideais liberais tiravam do foco os trabalhadores escravos e passaram a buscar alternativas para mão de obra. Que seriam os homens pobres livres e libertos.

<sup>2</sup> CARVALHO, Marcus J.M. de. *Liberdade: Rotinas e ruptura do escravismo do Recife, 1822-1850*, Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1998.

<sup>3</sup> MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: O federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo: Ed. 34, 2004

<sup>4</sup> CABRAL, Flávio José Gomes. Os Patriotas: Pernambuco foi palco da primeira república do país. *Revista de História* 2009.

<sup>5</sup> CARVALHO, Marcus J.M. de. *Liberdade: Rotinas e ruptura do escravismo do Recife, 1822-1850*, Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1998.

Ainda em 1817 quando Pernambuco com a revolução que não seria conivente com os desmandos da coroa, pois altos impostos estavam sendo cobrados.<sup>6</sup> A visão de Joaquim Nabuco sobre a aristocracia agroaçucareira mostrava que a economia pernambucana era extremamente dependente dessa mão-de-obra para continuar produzindo riqueza pertencente a uma pequena parcela da sociedade. Esse pequeno grupo possuidor de terra dominava o âmbito econômico. Necessitava de um grande número de pessoas vivendo em condições subumanas para manter seu status social.<sup>7</sup> E sua influencia foi exercida nos embates políticos da primeira metade do século XIX. Pois durante o conturbado vinte e quatro Pernambuco experimento a luta para a conquista do poder. Que não ficaria nas mãos do povo, mas iria pertencer a mais uma elite. Sendo disputado por duas classes economicamente abastardas da sociedade, mas apenas uma possuía o poder político que era a chave principal para dominar certos setores do governo. Afinal ter cargos administrativamente importantes dentro do interior seria de extrema importância, quem tivesse esse poder estaria apto a facilitar ou combater o tráfico negreiro.<sup>8</sup>

Existiram duas correntes que se opunham no Pernambuco do século XIX. Como já foi falada, a primeira são os liberais que estavam ligados a idéias de abolição da escravidão. A defesa desse ideal seria feita através da pressão que a Inglaterra exercia para a expansão do imperialismo econômico. Já a outra que era a favor de manter a escravidão, representava a aristocracia fundiária que lucrava com o ramo do tráfico de escravos africanos. Através da discordância dessas duas linhas de pensamento político os conflitos tiveram início. Seguindo a linha que transforma Pernambuco em uma unidade federativa, se percebe que a república unicamente se influenciaria por idéias Inglesas. Os corcundas como eram chamados pelo fato de apoiarem a centralização do poder no Rio de Janeiro, achavam que com um governo mais poderoso o Brasil não iria ceder as vontades da Europa. Marcus Carvalho comenta que o apoio dos traficantes de escravos as elites conservadoras não era feito pelo seu conservadorismo, mas por razões puramente econômicas.

O uso da luta armada nesse período foi constante. O objetivo não era conscientizar o povo que uma ou outra corrente política era a que se adequaria melhor para a região. Mas o uso de grandes grupos armados era constante durante os embates oitocentistas em Pernambuco. Durante esses processos de lutas muitos engenhos eram totalmente armados

<sup>6</sup> CABRAL, Flávio José Gomes. A República de Pernambuco: Para além da mera conspiração, a rebelião de 1817 chegou ao poder, e mesmo derrotada repercutiu pela província até 1822.

<sup>7</sup> MELLO, Evaldo Cabral de. A outra independência: O federalismo pernambucano de 1817 a 1824. São Paulo: Ed. 34, 2004

<sup>8</sup> CARVALHO, Marcus J.M. de. Liberdade: Rotinas e rupturas do escravismo do Recife, 1822-1850

para que com a força imposta a guerra fosse vencida. Em vinte de quatro a elite açucareira venceu. Graças ao seu pai a centralização do poder fluminense, a coroa estava disposta a se livrar do inimigo liberal que vinha se alastrando pelo nordeste desde 1817. Então o apoio militar da corte foi essencial para a vitória. Como já foi dito a importância dada a escravidão no Brasil impediu que as impuras idéias de liberdade surgissem no país. A significância econômica do tráfico de pessoas foi maior.

Essas atitudes liberais mais uma vez não foram extintas com conflitos armados como aconteceu em dezessete, quando o Rio de Janeiro mandou um grande contingente para combater os pernambucanos rebelados e o Recife se tornou um ambiente de morte e medo. Novamente mais tarde ressurgia um novo embate político na região. Que primeiro teria início apenas em acusações feitas contra o tráfico de pessoas nos engenhos. Mesmo com a importância dada ao tráfico na praieira, não se percebe mais a influência dos traficantes durante esse movimento. Porém os senhores de engenho que ainda dependiam dessa mão de obra para manter as suas terras produtivas. Envolveram-se com acusações e tramas que levaram a prisões.

A disputa pelo poder local também teve a grande importância. Afinal as acusações eram feitas através de provas objetivas. Tais disputas por cargos são formas de tentar ocupar lugares em órgãos repressivos. Ou seja, poder investigar o tráfico nas terras do seu inimigo político. Era importante para um partido ter amizades ou cargos com pessoas que estariam no ciclo da justiça.<sup>9</sup> Tenho razão em afirmar que a importância do tráfico de escravos na política pernambucana cada vez mais coisificava o homem negro trazido da África. Afinal, além de servir como mão de obra barata, também era um tipo de moeda durante os embates políticos. A repressão a escravidão era usada apenas para acusar o inimigo político e não para reprimir a prática desumana.

A extinção gradual do tráfico negro no Brasil não fez parte de uma demanda de atitudes que surgiram dos praieiros em Pernambuco ou de outros grupos abolicionistas no país, mas essa atitude deve ser atribuída a pressão exercida pela Inglaterra sobre essa prática. Ainda mais tarde a própria abolição da escravidão também seria fruto desse interesse inglês no mercado brasileiro.

### III

---

<sup>9</sup> CARVALHO, Marcus J.M. de. Cavalcantis e Cavalcados: a formação das alianças políticas em Pernambuco, 1817 – 1824. Revista Brasileira de História 1998.



Em meio a esses embates políticos de Pernambuco, entrando mais profundamente na sua influência na formação da identidade do negro e da reinserção no convívio social. Esse que era formado desde o momento que ele é trazido para a região nos porões com cheiro de morte dos navios negreiros. Como já havia ressaltado no início desse artigo, a liberdade que falamos foi conquistada nos fundamentos da sua realidade. Ela pode ser ou não conseguida através do contexto histórico presente.<sup>10</sup> No caso das liberdades negras em Pernambuco de 1822 – 1850 temos que perceber que durante o desenrolar desses acontecimentos, várias formas de adaptações ao momento foram criadas. Esse período se caracteriza por embates políticos para algumas pessoas. E para quem estuda a resistência negra, esses embates foram apenas o palco montado para provar que o negro que veio totalmente descaracterizado das suas raízes, desumanizado pela sociedade escravocrata e que futuramente seria marginalizado após a abolição. Construiu uma identidade e se socializou trazendo para a cultura do Brasil características únicas.

A vida do negro na sociedade escravocrata pernambucana estava tanto no campo quanto na cidade, ligada a repressão que mantinha os cativos sobre controle. Embora durante saques e protestos que aterrorizaram a cidade do Recife na segunda metade do século XIX, os negros participaram ativamente. Esses fatos não eram comuns, pois a fuga dos mesmos nas diferentes regiões só foi facilitada quando seus senhores estavam ocupados com a política que fervia no momento. Porém ao contrário do que algumas pessoas falam sobre a passividade do escravo nesse período, os negros se organizaram tanto dentro das senzalas que eram mantidos, quanto fora em redutos quilombolas. Existia uma representatividade do escravo, havia uma relação entre os cativos de uma fazenda ou sobrado e o seu dono. Isso é muito bem colocado por Marcus Carvalho quando ele cita que no centro do Recife surgiam negociações entre o negro e seu dono. Certa quantia era paga ao proprietário para permitir que o escravo pudesse dormir em seu próprio barraco. O que acontecia nas relações entre a senzala e a casa grande é que, uma negociação era real. E a vontade dos negros era levada em conta, mas isso não significa que ele era liberto e tinha posse de si mesmo.

A resistência negra ia além de organização e relação entre os cativos e seus donos. Foi criada uma união e solidariedade entre os escravos que passou a ser uma forma de identidade. Essa união se constitui de várias formas que sobreviveram até hoje. A religião de matriz africana é um exemplo. A força que os cativos pernambucanos tiveram para superar a

---

<sup>10</sup> CARVALHO, Marcus J.M. de. Cavalcantis e Cavalgados: a formação das alianças políticas em Pernambuco, 1817 – 1824. Revista Brasileira de História.

exploração foi usar o momento conflituoso nos círculos políticos que Pernambuco passava. A utilização do negro armado também foi um ponto importante para a consequência que seria a fuga para uma comunidade quilombola.

Era aterrorizante a repressão as práticas dos negros tomavam forma no Pernambuco oitocentista. Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil no início de oitocentos. Sentiu-se a necessidade de criar uma forma de controle sobre a população. A polícia surgiu com o intuito de organizar o povo livre e liberto <sup>11</sup> Assim que a independência foi decretada, uma série de órgãos que deviriam arbitrar o eixo da ordem no Brasil foram votados e criados. A defesa da propriedade privada era de vital importância em um país agrário que tinha como mão de obra cativos trazidos da África. Essas características englobadas nesse período podem trazer informações importantes para o que ocorreu na região nesse momento.

Trazendo mais uma vez o termo quilombo para a realidade política pernambucana. Percebe-se que os conflituosos anos entre 1822 – 1850 não ficaram apenas as perspectivas burguesas ou fundiárias. Temos o surgimento de uma resistência negra que passa a ser exemplo até hoje, no século XXI. O estudo mais específico dos problemas políticos nos leva a perceber que em meio aos conflitos senhoriais. Surgiu um movimento que contribuiu para a formação da identidade do negro na região de Pernambuco e Paraíba atual.

O Conselho Ultramarino Português de 1740 definiu quilombo como “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”. Indica, também, uma reação guerreira a uma situação opressiva.<sup>12</sup> A expressão quilombo vem sendo sistematicamente usada desde o período colonial. Ney Lopes afirma que “quilombo é um conceito próprio dos africanos bantos que vem sendo modificado através dos séculos” (“...”) Quer dizer acampamento guerreiro na floresta, sendo entendido ainda em Angola como divisão administrativa” (Lopes, Siqueira e Nascimento 1987: 27-28). Não era diferente no Catucá. Existia um líder que representava os fugidos. Malunguinho era um título, assim como general ou capitão. Era passado de pai para filho. O termo Malunguinho é brasileiro, ou seja, de origem banta malungos seria o original. Com a mistura de culturas étnica que aconteceu durante a colonização do país, a palavra foi ganhando novas características. Ficaram conhecidos como Malungos os que se faziam parte da resistência negra do Catucá liderada por Malunguinho. Marcus Carvalho

---

<sup>11</sup> CARVALHO. Marcus J.M. de. Cavalcantis e Cavalgados: a formação das alianças políticas em Pernambuco, 1817 – 1824. Revista Brasileira de História 1998.

<sup>12</sup> Leite, Ilka Boaventura. Os Quilombos No Brasil: Questões Conceituais e Normativas.

observou que os negros que eram trazidos para o Brasil no mesmo navios se tratavam como malungos. Esse nome passou a significar escravo insurreto

Como já foi falado, o trabalho negro era forçado a uma alienação que se caracteriza em desenraizar as suas características culturais advindas da África. A partir do momento que escravo se conscientizou que o seu papel para a sociedade pernambucana estava ligado à economia e que era possuidor de direitos vindos da sociedade burguesa, a luta contra escravização passou a fazer parte não só dos liberais capitalistas, mas também dos próprios escravos. A auto-conciência da situação que se desenrolava no palco político foi extremamente necessária para a organização de redes sociais e de comunicação entre os vários focos de resistência escravistas no NE e mais em evidência no Pernambuco.

A comunidade quilombola que surgiu em Pernambuco passou a representar uma grande luta pela liberdade. A discussão sobre o assunto é a conquista de liberdades que se concretizam a partir do momento que o negro está posto contra a sociedade que o reprime em todas as maneiras possíveis. O quilombo passa a representar a conquista de liberdade. Essa é constituída no momento que acontece um restabelecimento do convívio social dentro de um ambiente que abriga não só os ex-cativos, mas também todos aqueles que estavam sendo reprimidos e alienados pelo sistema que Pernambuco pertencia.

A relação que era mantida entre os escravos passou a ser importante para a sobrevivência. Afinal o apoio de um sujeito que pertence ao seu grupo é essencial. Mesmo em meio ao isolamento social que os quilombos teriam teoricamente. Existia uma rede de informações que passava a auxiliar os negros em meio a tantas represarias que sofriam durante a resistência mantida no interior. Marcus carvalho comenta que existiu uma seqüência de informações que eram atualizadas. Essas informações passaram a ser essenciais para a sobrevivência como já ressaltado. Ou seja, os negros estavam totalmente cientes do que acontecia durante os conflitos políticos. Durante o apogeu do quilombo essas informações foram de extrema importância para a sua defesa.

O quilombo que está em questão nas primeiras cinco décadas do século dezenove em Pernambuco é o Quilombo de Malunguinho. Esse agrupamento de negros e outros reprimidos pelo sistema econômico pernambucano. O que aconteceu nessa comunidade não foi apenas uma recriação do modo de vida África, mas um fenômeno americano híbrido. Uma reconstrução de laços étnicos surgiu do englobamento de pessoas na região. O que ocorreu no Recife não está desligado desse fenômeno que se constituiu o quilombo. Falar da política da época é tratar como se deu vantagens para os negros se aquilombarem mata adentro no Catucá. Marcus Carvalho comenta que o Malunguinho foi o reduto insurrecional mais



importante na região nesse período. E que teria um caráter de guerrilha, pois se utilizou do conflito entre as duas elites para crescer. Ainda junto com os fugidos o apoio da população rural foi imprescindível, os cabanos foram um grupo que auxiliaram os malungos de Recife durante a cabanada. A ligação do lugar com a cidade foi muito direta, pois não existia isolamento. Essa ligação permitia que acontecesse uma relação comercial com os moradores. O que ocorria era que o reduto, se encontrava estendido por várias estradas em meio a Mata do Catucá. Na beira da estrada foi possível o comércio de alguns produtos com viajantes da região. O comércio não era a única relação do quilombo com a região. Os malungos praticavam saques e assaltos nas redondezas. A população de Beberibe era constante mente atacada pelos revoltosos quilombolas. Já nas estradas eram feitos furtos aos comboios que ousavam atravessar as estradas. Apesar dessas práticas o quilombo mantinha uma vida sedentária que depois com uma série de ataques mudaria. Uma agricultura de subsistência foi cultivada na região, várias qualidades de plantações e a mandioca.

A ousadia foi tanta que passou a incomodar os senhores de terras próximas ao Catucá. Fora que a cidade estava próxima dos limites dessa comunidade. Então as autoridades começaram a imaginar que o havia acontecido no Bahia poderia se repetir em Pernambuco. Negros tramando se organizando apara uma invasão da cidade. Manuel Gabão foi subordinado de Malunguinho de 1827 tramou a invasão da cidade do Recife. Houve uma reunião do conselho do governo colocou em pauta esse assunto que era reivindicado principalmente pelos fundiários pernambucanos.<sup>13</sup>

Iniciando as tentativas armadas de destruir o quilombo, a confederação do equador enviou em 1824, uma tropa armada para que os negros rebelados que estavam causando prejuízos fossem capturados e o quilombo se extinguisse. Foi o general Lima e Silva que efetuou os primeiros ataques dos brancos contra a comunidade alternativa do Catucá. Porém os esforços contra o quilombo de Malunguinho não causaram o seu fim. Muitas baixas foram ocasionadas pelo ataque, mas o quilombo não caiu. Esse embate mostrou que uma preocupação mais acentuada deveria fazer parte da mente do governo em relação aos negros insurretos de Malunguinho. No ano de 1830 ouve uma busca nas matas da região e ficou claro que após essa inspeção os fugidos pretendiam invadir a cidade do Recife.

Existe algo que é muito importante analisar nesse momento, quando percebemos que a rede de comunicação entre os negros de vários lugares está ligada. Fica claro que havia uma relação entre os que estavam no interior e os que se mantinham na cidade. A cidade era um

<sup>13</sup> CARVALHO, Marcus J.M. de. *Liberdade: Rotinas e ruptura do escravismo do Recife, 1822-1850*, Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1998.



foco de comunicação com o mundo, principalmente os portos que estavam sempre repletos de navios. Afinal Pernambuco já em 1817 era um ponto de parada obrigatório na navegação de cabotagem. Porém em 1827 -1830 a cidade do Recife fervia com o aumento populacional, então se conclui que vários negros estavam infiltrados levando informações para o interior. Marcus Carvalho trás alguns nomes de marinheiros que auxiliaram essa rede de informações. Alguns deles mudavam de nome constantemente para não serem reconhecidos por seus donos ou pessoas que tinham o papel de reprimir suas práticas.

A única coisa que crescia em relação entre quilombo do Catucá e o governo era a preocupação de uma invasão na cidade. Houve em 1827 mais uma reunião que passou novamente a tratar do incomodo que estava sendo causado. Tomando por base a ultima estratégia de invasão do quilombo se percebeu que outro ataque só seria vitorioso se utilizasse tropas mais bem armadas que antes. A ajuda do governo seria essencial nesse momento. Então em 1835 o quilombo foi arrasado. Dados mostram que apenas quatro homens seis mulheres foram os sobreviventes do massacre.

Os malungos do Recife foram destruídos, porem seu ideal de liberdade em meio aos embates políticos que se deram, mostram a real face da liberdade. Ela foi conquistada e construída através de uma parceria entre várias etnias. Pode se por o real favor de pessoas que tinham uma verdadeira necessidade de liberdade. Por fim Malunginho é hoje considerado uma divindade do culto da Jurema Sagrada. Da Jurema se tem relatos desde o século dezesseis sendo um culto puramente indígena. E hoje é Malunginho uma divindade brasileira que participou da luta contra a escravidão humana em Pernambuco<sup>14</sup>.

## CONCLUSÃO

Durante a produção desse artigo conclui que mesmo com as tentativas de alienação do escravo, ele procurou se reorganizar socialmente e construir uma nova identidade. Sabendo que os movimentos que ferveram Pernambuco durante a primeira metade do século XIX foram essenciais para a fuga de vários deles. Formaram através de alianças uma rede de informações que passou a projetos dos ataques que poderiam sofrer. Pernambuco passou a ser palco de um verdadeiro movimento de liberdade. Ao contrario do liberalismo europeu que

---

<sup>14</sup> CARVALHO, Marcus J.M. de. Liberdade: Rotinas e ruptura do escravismo do Recife, 1822-1850, Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1998.



tomava conta dos intelectuais pernambucanos. Temos então uma figura que representa a resistência negra na nossa região e até hoje é representada na religião.

## Referências

CARVALHO, Marcus J.M. de. **Liberdade: Rotinas e ruptura do escravismo do Recife, 1822-1850**, Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1998.

MELLO, Evaldo Cabral de. **A outra independência: O federalismo pernambucano de 1817 a 1824**. São Paulo: Ed. 34, 2004.

Leite, Ilka Boaventura. **Os Quilombos No Brasil: Questões Conceituais e Normativas**

CARVALHO, Marcus. J.M. DE. **Cavalcantis e Cavalgados: a formação das alianças políticas em Pernambuco, 1817 – 1824**. Revista Brasileira de História.

CABRAL, Flávio José Gomes. **Os Patriotas: Pernambuco foi palco da primeira república do país**. *Revista de História* 2009.

CABRAL, Flávio José Gomes. **A República de Pernambuco: Para além da mera conspiração, a rebelião de 1817 chegou ao poder, e mesmo derrotada repercutiu pela província até 1822**.